

FILTROS

Livro 64

Escritos do eu

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



REFÉNS

Reféns de um desastre previsível, vulneráveis à bomba social, os abandonados se desprotegem em estados de angústia apelando aos santos surdos e outros omissos, negociando culpas e cruces. Morrem com essa teimosa mania de ir sem avisar.



LÁGRIMAS E PALAVRAS

Muitas vezes os olhos contradizem as palavras, enquanto os olhos vertem o sal das lágrimas são interpretes da emoção, as palavras povoavam os sentidos de uma indiferença que se aproveita da dor para desqualifica-la em sua expressão.

NÃO POSSO LEMBRAR

Não posso recordar nenhum carinho emitido, o que hoje recordo é um olhar que dilui e disfarça pondo limites à minha necessidade de ser visto e mencionado. No teu mesquinho mundo vivo de teus apartes, me meti onde não me querias, ainda que mantive o cuidado não pude impedir a desintegração.



PERSISTEM EM MIM

Persistem em mim todas as insistências. Elas só funcionam quando diante de perigosos enfados que ponham em risco o investimento fixado na reiteração. O que seria dos obsessivos se lhes tirassem a adesão à repetição? o maior risco seria o de reivindicar a paz.

MINHA TRISTEZA

Posei minha tristeza na mesa com um livro aberto, as palavras aprisionadas em cada página traziam memórias de antigos vícios, de repente transitando para o presente na minha direção restos diluídos que ainda me fazem chorar, ressuscitam emoções abandonadas.



TINTA FRESCA

Tive uma ideia cheirando a tinta fresca, com duplo sentido mas condenada a mostrar somente uma de suas caras, a outra por ser feia deveria se esconder, dificilmente seria aceita como parte das sombras, por inodora não antecipava presença, por ser discreta, pouco notada, por ser seletiva guardada para habitar ouvidos especiais que pudessem abrigá-la, esculpida em sua originalidade. Viveu singular.

QUERO

Quero olhos que se debrucem em mim, quero histórias contadas no meu idioma, um conforto depositado nos meus lutos, quero ouvidos surdos aos insultos e ameaças, um abrigo para o despejo, uma esperança emprestada, alguém com sobras de amor.



SIMULO

Simulo várias vezes disfarçando temores que nunca tive, o faço para ver a reação dos que nunca têm medo, simulo outras vezes amores que não ando tendo, o faço para ver a reação dos que ofendem os sonhadores por seus sonhos. Simulo as vezes indiferença para não dar razão aos que se propõem a fazer-me danos.

DESMEMÓRIAS

Um dia, cansado de tantas lembranças resolvi amarrá-las num poste. Inertes dançaram conforme o vento, seguidas das chuvas que as umedeceram, seguidas pela noite que as secou. Nos ventos seguintes voaram para longe, para um lugar que o esquecimento ocultou da minha memória.



TENHO UM CADERNO

Tenho um caderno que ouve as minhas confidências, entre afinidades e coincidências, me ouve com paciência, disponível sempre marca sua presença independente da hora dando-me lições de fidelidade, aceita minhas ideias como se fossem suas, funciona como um espelho onde deixo minhas marcas, guarda a imagem, movimenta minha ideias apropriando-se delas como se fossem suas. Sua prodigiosa memória agasalha meus esquecimentos para oferecer-me em retorno sempre que deles me afasto.

A ESCOLA APRISIONOU

A escola aprisionou o meu não-saber, nunca pude compartilhar, me impôs um silêncio forçado, fui punido na desobediência, recebi um privilégio pela primeira missa de cada sexta feira como reconhecimento pela fé adquirida com hora marcada, ganharia a nota máxima na repetição da lição memorizada, uma punição pelo dever de casa que deveria dizer aquilo que eles queriam que eu dissesse, nunca o fiz. Tantas matrizes convidando-me à uma corrupção compartilhada. A escola me divorciou da minha família, dos meus brinquedos, do prazer com meus jogos, dos primos e dos amigos escolhidos, a escola me impôs desconhecidos, antipáticos e indiferentes que comigo competiam um espaço que nunca considerei meu, que promoviam discórdias no recreio e violências com os fragilizados, a escola se ocupou de um saber que não me interessou naquela hora e uma comparação que tentou eliminar a minha individualidade, vincular-me a uma memória sem sentido.

QUERIA VOAR

Queria voar, chegar ao limite para tocar o arco-íris, a nuvem, trazer uma história prometida, servir a fome das crianças com fantásticas transformações no espaço e no tempo. Foi homem, voltou pássaro, aproveitando as vantagens de mudar sua natureza, ainda que por breve tempo. Ainda que ficasse sem pernas, ganhou asas, liberado das exigências mundanas, se fantasiou de anjo, não precisou sacrificar-se, aprendeu que as ilusões não alimentam, adiam. Com sorte, voltou sem haver caído, não suportou o próprio voo.



EU AGNÓSTICO E O DEUS QUE ME ASSISTE

O deus que me assiste deve dormir contente, não lhe sobrecarrego com a minha parte, não lhe peço o impossível, não rezo contra o inimigo, deixo a meu cargo meus encargos, deixo-lhe em paz para escolher outras urgências maiores do que as minhas.

O deus que me assiste entende de brevidade e simplicidade, suas escolhas são para propostas mais duráveis, deixo à seu critério alguma ajuda adicional, não recorro nas urgências, não lhe meto nos meus perigos, nem lhe faço auxiliar dos meus prejuízos.

O deus que me assiste já intermediou todas as razões quando me deu a vida e as oportunidades, a possibilidade da partilha e da dor superada, das tragédias contidas e das esperanças acumuladas.

Sou grato ao deus que me assiste, poupo importunar-lhe com minhas mínimas solicitações.



SOMOS

Aprendi de muitos, lhes sou grato porque me incentivaram a dar aquilo que estava ao meu alcance; espalhamos sementes, elas não nos pertencem, elas são a natureza: somos transportadores de afetos e de cultura.

PONTES QUE INSISTEM EM NÃO CAIR

Meu anjo acordou falante, pediu-me que me retirasse do silêncio, burlando-se dos meus olhos postos na sua pele, nas suas asas, ordenou-me ter medo incomodado com a minha liberdade de gostar das alegrias, da liberdade de olhar proprietário da coragem de mandar calar a covardia que não olha com medo de denunciar importâncias inofensivas, declarantes, calculando riscos, dando voltas à censura.



O CANTO

Se não canto sofro, remendo, corpo funcionando automático, responde tudo o que é esperado, com as velas recolhidas já não chego a nenhum porto, os ventos me abandonaram, a força também, o barro ainda não, tampouco o sonho e a coragem, por momentos me sinto autônomo, com o cérebro assumindo todas as fragilidades, a carne, o músculo, a pele, o osso, salvado

da catástrofe a inspiração de desobedecer o tempo e a inutilidade. Tento fundar uma inocência, temo que não possa evitar que seja validada como superficialidade descartável.



PÁSSARO

Um pássaro que chega trazendo notícias sussurra no ouvido da flor. Não me alcança saber dessas trocas, quanto tiram ou põem.



QUANTO

Quanto mais eu rezo mais assombração me aparece.
(ditado popular)

CARREGO

Carrego comigo ideias que importem, inovadas, afetos que valham a pena, esperanças intactas, vacinadas, corajosas, que enfrentem as mentiras, as corrupções e os corruptores.



ANTIGAS IMPRESSÕES

Ninguém sabe ao certo se falo sério ou se alimento evocações. Reúno as criações, provoço novidades, espalho convocações. Faço esforços, lanço velas, lavro relevos, ramos, relaxo o atrevimento, seleciono as nutrizes, adestro as carências. Continuo, para ver se encontro as impressões de outrora.



PARA GUARDAR

Para guardar em silêncio o muito que quero, me oculto nas sombras, animo quimeras, acredito que serão demitidos os anjos dos amores fugazes.

PRECISO

Preciso de um sorriso que me faça companhia, ilumine com o vigor que não exige contrapartida.



MAIS TARDE

Tive que aprender mais tarde um universo de saberes que não me foram ensinados na infância. Falaram do mundo, mas omitiram o sub-mundo, acredito que tampouco eles sabiam existir. Perdendo as convicções, produzem pessoas que não sabem nada sobre si e o mundo em que vivem.



PASSAR POR

Passar por santo, virtuoso, inocente, bem intencionado, deslizar por onde passa lento o engano, o sentido que oculta a intenção, secar a fonte, como os mágicos passar pelas ilusões enaltecido pelo feito e homenageado como um construtor de impossíveis.

O JUÍZO

Deixo de lado o juízo, invento novos gostos, igualo as planícies aos montes, dou às costas a quem não saiba abraçar de frente, beijo disfarçando que não vejo o estalo que sonoriza a indiferença quando o lábio evita o contato, um abraço que ilumina o outro, enredando abraços, irmanando corpos na mesma direção.



DESAGUO DECEPÇÕES

Desaguo cultivos decepcionados, prostrar-me na aceitação das delícias mais desejadas. Proteger a humildade mortificada, a cansada esperança, a arte de amar. Tornar igual a natureza compartilhada entre o querer e o aceitar.



NÃO GOSTO

Eu não gosto de pedir nada a ninguém, não tolero o vazio da falta de respostas, elas me confirmam a indiferença, pela ausência, elas capitulam minhas ilusões, reduzem o encanto, alojam a desconsideração.

FRONTEIRAS

Choro meus desgostos, a dor que dói na carne, as faltas que denunciam as ausências, não posso cancelar as abundantes feridas circundando os alentos, nem me alcança povoar as solidões, ocupar de albergue aos medos, derramar fragmentos de confiança, de enxertar algum sonho na melancolia. Ainda que seja final, circular notícias anunciando o fim das fronteiras.



CONSTANTE VONTADE

A favor de uma constante vontade sigo o mesmo, ainda que com movimentos inesperados, às vezes esgotado em tolerâncias, sem novas experiências, oscilando a inspiração e a lucidez. Fui em busca do que me fizesse feliz. Qual seria, entre todas estas tentativas? Aquela que levasse em si algo que não acabasse como uma ambição passageira. Fugindo dos desenganos que não aceitaria como meus, me exigi a formar uma só razão, uma só aceitação, nunca foi meu ânimo aceitar erros banais ou graves, quis somente passar pela vida sem necessitar de socorro moral. Se fui convicto admirador da lisura qual atitude mais corresponderia senão a autêntica ação eticamente incorporada?

ANTIGAS EMOÇÕES

Aquilo que ontem olhei com dura adversidade hoje se confunde e penetra totalmente em mim como parte dessas coisas dos humanos. A esquecida humanidade volta a brilhar como uma luz na escuridão, nossa lama necessitada de inclusão em todos os momentos da vida. Não duvido que em algum momento olhe com espanto a nossa capacidade de negar e destruir o que nos orgulhece, seremos sempre pequenos na valorização e grandes na negação. Quando penso em todo o encanto que envolve a imensa esperança de que não seja só um sonho meu a gratidão comovida, o delírio de um sonhador que arbitra o amor e o ódio, leitor de dicionários buscando palavras novas que contem antigas emoções.



REPRESO

Represo a palavra apressada que veio para fender com sua secura. Percebo seu ódio fermentado animado pela soberba ofensiva, despeja mágoa, fere com gritos, revela a infelicidade penetrando no ânimo. Busca começar ou finalizar uma guerra.

UM MISTÉRIO

Um mistério fascina a minha fantasia. Quando o silêncio cala, é preciso obedecer, não se atrever a falar sem saber perfeitamente o que dizer. Ser insuficiente falseia a confiança, altera o que não convém. O sentido consagrado das palavras não alcança expressar coisas que nunca puderam significar.



MEUS RESTOS

A terra comerá meus restos, os livros guardarão minhas memórias, meus filhos frutificarão minha descendência, meus projetos marcarão meus sonhos, minha coragem estará no que causei, nas árvores que plantei, no testemunho dos que me ouviram, nas emoções compartilhadas, na multiplicação e na participação, nas causas.

O SOSSEGO

O sossego absolveu-me algumas dores, guarneci as labaredas, serenas brasas amontoadas sustentaram ampliar amenidades. Como forma de acolher algumas alegrias, afastei, converti as amarguras em distantes incômodos. Anonimeei-lhe poderes assegurando-me um carinho na solidão escolhida.



NÃO ALCANÇA

Não me alcança nunca ter ideias definitivas, aceleradores e freios, variações domésticas, competências duvidosas, metas severas. Condenadamente convincente me engano toda vez que favoreço caminhos equivocados para minhas ofertas sinceras.

SER CRIANÇA

Minhas memórias se apresentam em camadas, umas contendo desconcerto, em outras o medo denunciador da minha fragilidade. O segredo da planície do Pampa gaúcho, a ausência das montanhas, o encontro das Lagoas (Lagunas) dos Patos e Mirim, na Biblioteca Municipal de Pelotas educação informal e não formal convidavam crianças e adolescentes como eu, a passar as tardes entre leituras e jogos de mesa, promovendo e reconhecendo o valor dos livros. A memória do local dos prazeres nos fundos da minha casa, um pátio com parreira, figueira, canteiro e galinheiro. A investigação entusiasta dos sons musicais, os lamentos diários ao anoitecer confirmando a mortalidade, a promessa de mar na praia do Cassino com a chegada do verão, a tarefa de acompanhar meu pai ao Mercado Central onde visitava amigos e comprava víveres frescos. Antigas relíquias eram colecionadas nos álbuns de fotografia, insistindo em testemunhar que os afetos tinham abrigo. A dolorosa experiência de enfrentar uma obrigação que eu não aceitava nem conseguia incorporar: ir ao colégio. O que era para ser uma época de ouro, se acabou quando fui alfabetizado pela Irmã

Luiza Maria, doce e tolerante, sendo obrigado a migrar para outra escola sem afeto e muita concorrência. Ali convivi com o alheio imposto por muitos anos. Não me acostumei as regras, as premiações, aos castigos, a falta de paixão e empatia. As memórias me salvaram da melancolia, nunca acreditei ser um incompetente diante daquela adversidade. Meus pais, como muitos, com uma visão idílica insistiam que ali eu me tornaria apto à vida. Aulas de música, o coral, o recreio onde encontrava meus irmãos mais velhos me afirmando que algo de familiar havia naquele deserto de gentilezas. A Banda Marcial do Colégio Gonzaga me permitiu saber que a nulidade não era total, vários instrumentos de percussão e sopro eram a marca da minha habilidade musical, memória que me acompanhou no resto da vida. Percorrendo caminhos, no ar o aroma das comidas libanesas, das frutas, e dos doces portugueses.

Seguindo o padrão o Parque Souza Soares se estendia generoso alinhando muitos eucaliptos e outras circundantes depois da linha do bonde que nos levava ao Bairro do Fragata. O tempo cometeu terrível prova. A infância me confrontava com uma inadiável realidade, começava a adolescência e a minha luta para definir onde guardar a criança que eu adorei ser. Como

raízes em solo úmido e o vento Minuano arrastando as lembranças que de tão numerosas não consegui contá-las. Limitações legais, biológicas entraram em cena desordenando os contextos.

Roberto Curi Hallal

